

## AGRONEGÓCIO CAFÉ EM GOIÁS

MILHOMEM, S.V.<sup>1</sup>; MILHOMEM, A.V.<sup>2</sup> E TEIXEIRA, S.M.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Estudante de Administração de Empresa da UCG Goiás, Bolsista Projeto Custos na Cafeicultura Brasileira, Embrapa Café;

<sup>2</sup> Eng.-Agrônoma, Economista, Doutoranda da Escola de Agronomia, UFG, <alzirene@aol.com>; <sup>3</sup> Pesquisadora, Embrapa Café, Professora Titular, EA/UFG, <milagres@sede.embrapa.br>.

### INTRODUÇÃO

#### **Café em Goiás – Histórico e Importância Socioeconômica**

O mercado de café, dos mais tradicionais na pauta dos produtos da agropecuária brasileira, tem se caracterizado como grande desafio para técnicos, empresários e formuladores de política para o setor e como dos mais complicados, diante das novas tendências que a globalização introduziu, exigindo competitividade e qualidade para enfrentar à crise de preços, com excedentes de oferta e entrada de produtores não tradicionais e expansão da cultura em regiões mais competitivas, quanto a clima, solo e maior disponibilidade de mão-de-obra.

Goiás é considerado, no cenário da cafeicultura brasileira, de menor importância, estando incluído entre Outros (4%) nas estatísticas oficiais do Parque Cafeeiro e Safras Brasileiras, (MAA/EMBRAPA, 2000). Sua produção é de 5.357 toneladas, para uma produção em nível de Brasil da ordem de 3.651.331 toneladas (IBGE/SEPLAN-GO,2001), representando, portanto, 0,15% da produção brasileira. Verificam-se acentuados declínios da produção estadual nos últimos anos, decorrente das quedas contínuas em preços internacionais, resultando em desinteresse dos agricultores pela cultura (Figura 1).

Esse declínio da produção total de café em Goiás, resultado de condições conjunturais da produção e do mercado global, não pode ser considerado definitivo, dados os ciclos da atividade e a necessidade de reforçar o mercado interno do produto. Um contingente importante de cafeicultores, em áreas irrigadas, recentemente instaladas no Estado de Goiás, vem exigir posicionamentos e estudos que descrevam a atividade, do ponto de vista das potencialidades de produção e processamento, objetivando a análise de sua competitividade e qualidade para os diversos mercados.

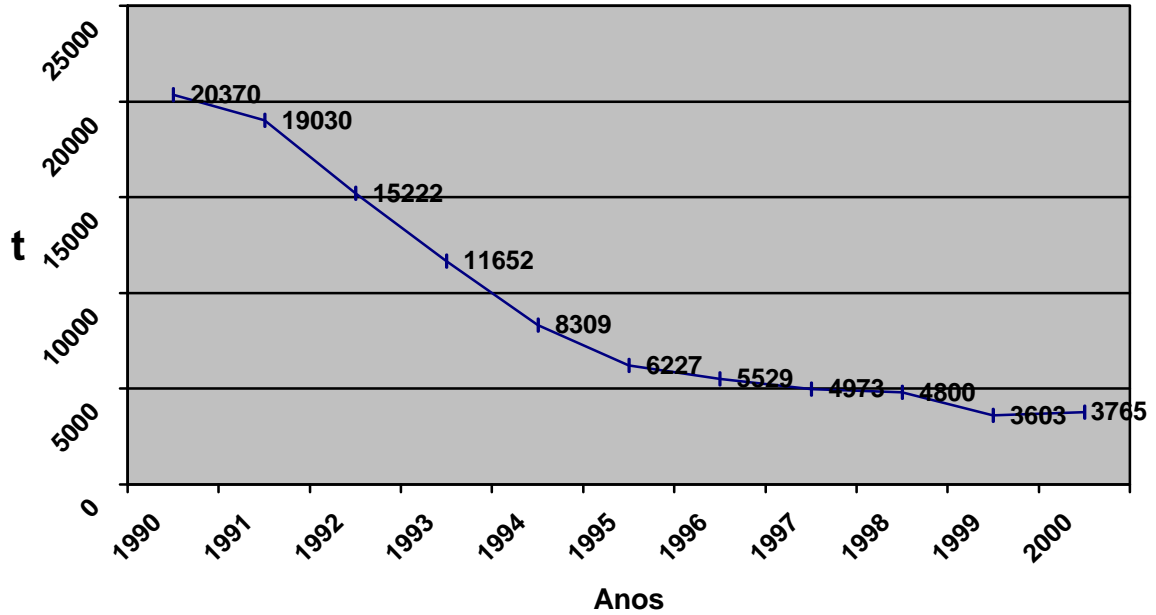


Figura 1 - Quantidade produzida (t) de café em Goiás - 1990 – 2000.

### Justificativa para o Estudo

A importância relativa da produção de café para Goiás é reforçada pelas características sociais do cultivo, que emprega importante contingente de mão-de-obra, principalmente na colheita e processamento do produto, no processo pós-colheita, na secagem e no benefício e, no segundo elo da cadeia, na torrefação e moagem do produto para o consumo. Importante contingente do café consumido é importado de outras regiões, assim como o café produzido nas áreas agrícolas irrigadas tem outros destinos que não o mercado torrefador estadual. Por outro lado, empresas torrefadoras de Goiás já se mostraram suficientemente competitivas, tendo já demonstrado perfil de gestão capaz de atender o mercado exportador.

Torna-se importante estudar a estrutura socioeconômica e distribuição geográfica da produção goiana, oferecendo subsídios para a tomada de decisões quanto aos investimentos em pesquisa e para incentivos à produção, em áreas apropriadas. Informações desses estudos não estão disponíveis de forma organizada e poderão servir de referência para trabalhos futuros, assim como para direcionar políticas para o setor.

Pretende-se neste trabalho oferecer informações conjunturais da produção e descrever a estrutura do Agronegócio Café em Goiás. Especificamente, constituem **objetivos** desta pesquisa:

- descrever o Agronegócio Café de Goiás, a distribuição geográfica da produção e o processamento;
- e
- caracterizar a cadeia café - a cafeicultura, o processamento e a torrefação - em seus aspectos de estrutura e econômicos.

## **METODOLOGIA**

O trabalho teve como base uma série de *informações secundárias*, fontes da Embrapa, IBGE e mapas sobre aptidão para a cafeicultura, resultado de pesquisas do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café. Foram cruzados os dados de distribuição geográfica, aptidão para a cafeicultura, disponibilizados pelo Projeto Caracterização da Cafeicultura em Goiás, com listagem atualizada de produção cafeeira municipal, do IBGE, Goiás.

De posse das informações secundárias, foi possível localizar municípios cafeicultores para nortear a pesquisa de campo, com entrevistas formais, junto a cafeicultores e processadoras/torrefadoras. Foram entrevistados 66 cafeicultores e 43 proprietários de torrefadoras.

## **RESULTADOS**

### **Distribuição Geográfica da Produção e Processamento**

São mostrados, através de mapas, as informações fornecidas pelo IBGE de municípios produtores de café, que constituíram listagens para as visitas e localização dos cafeicultores pesquisados (Figura 1). De posse das informações, incluíram-se municípios conforme (Figura 2), assim como a localização das torrefadoras e moagem visitadas para análise do processamento de café, em Goiás.

### **Caracterização da Cafeicultura em Goiás**

Segundo dados consultados no IBGE/SEPLAN-GO, a área plantada com café no Estado de Goiás é de 3.603 ha; nesta pesquisa de campo, de um total de 66 cafeicultores visitados, foram levantados 3.434,1 ha, portanto 95,3% da área estimada com café, no Estado. A listagem de municípios fornecida pelo IBGE inclui áreas muito pequenas, em fundos de quintal, excluídas desta pesquisa<sup>1</sup>. Do universo de cafeicultores pesquisados, 26 obtiveram produção nula em 2000. O total da produção foi avaliado, nesse

universo, em 53.352,18 sacas ou 3201,13 toneladas. A produtividade média calculada foi de 15,5 sacas por hectare cultivado. Do número total de cafeicultores, 54% (35 de 66) contam com estruturas de irrigação, em gotejamento, aspersão convencional ou pivôs centrais. São áreas irrigadas correspondendo a 2.963,14 ha ou 78,4% da área total cultivada, e 1.206,96 ha são áreas irrigadas em formação, nessas propriedades visitadas.

Do total de 66 propriedades cafeeiras localizadas, 26 são áreas em fase de formação, não tendo apresentado produção no ano de 2000. A produtividade média, em sacas por hectare, foi calculada em 15,55 sc/ha (Tabela 1). As áreas cultivadas com café em Goiás variam de 0,5 a 370 hectares, a produção mínima foi de 6 sacas totais e a máxima 11.000 sacas, enquanto a produtividade, das áreas em produção, variou de 0,20 a 70 sacas por hectare cultivado. Duas cafeiculturas apresentaram cafeicultura empresarial, com 30 e 60 hectares cultivados, no município de Campo Alegre de Goiás.

<b>Tabela 1</b> - Produtividade média por hectare <b>Área (ha)</b>	<b>Nº</b>	<b>Área Média</b>	<b>Prod. Média</b>
<1	3	0,63	2,23
1<a<3	9	2,32	20,22
3 ≤ a < 5	10	3,99	9,8
5 ≤ a < 10	5	7,44	34
10 ≤ a < 20	3	14,15	70
20 ≤ a < 50	21	33,6	477,62
50 ≤ a < 100	5	69,22	700
a ≥ 100	9	251,0	3935,78

<sup>4</sup> Definiu-se, a princípio, cafeicultura para efeito do levantamento de áreas com pelo menos mil plantas.

### **Torrefação e Moagem - Caracterização e Infra-Estrutura**

Foram localizadas 43 beneficiadoras/torrefadoras, representando um total de 70 marcas. Duas destas torrefadoras iniciaram operação em 1958. O número total de empregados revelados foi de 598, ou uma média de 28 empregados por torrefadora, com o número mínimo de 1 e o máximo de 72 empregados por empresa. Esta com um número máximo é uma empresa exportadora do produto, em diferenciadas formas. A capacidade instalada em 18 das unidades processadoras é menor do que 500 sacas processadas, e as demais estão no intervalo de 500 a 2.000 sacas de capacidade instalada por mês.

Um total de 28, ou 65%, das torrefadoras utilizam menos de 250 sacas da capacidade instalada, e na média global são produzidas 225 sacas de café processado por mês, ou uma produção anual média de 2.700 sacas de café processado.

Dentre as origens do café processado pelas torrefadoras de Goiás, estima-se que, em 34 das 43 empresas, 70% do café processado vem de Minas Gerais; outras 7 empresas importam 38% do seu café do

Paraná; 6 empresas revelaram que 35% do café vem de São Paulo; outras 10 importam café do Espírito Santo; e apenas 8 empresas processadoras goianas relataram processar cafés do Estado, correspondendo, em média, a 13,2% do café por elas processado. Entre outras origens foram revelados cafés da Bahia, de Rondônia e de estoques do governo. A diversidade de origens, mesmo revelando possíveis vantagens quanto a preço da matéria-prima para o café processado, deixa implícita a relativa desorganização do setor no Estado, uma vez que cafeicultores têm dificuldades de encontrar mercado para o produto, ao mesmo tempo em que processadoras recebem café de fontes longínquas.

## CONCLUSÃO

O estudo vem relatar experiência de levantamento de campo para caracterização da atividade cafeeira, na produção agrícola e no processamento. Enquanto são restritas as áreas e encontrava-se em declínio, nos últimos anos, a produção dessa *commodity*, o Estado apresenta uma malha mais abrangente de plantas processadoras, não apenas para atender consumo interno, mas com estruturas de gestão preparadas para o mercado exportador.

Os levantamentos a campo, em princípio, nesta etapa, permitiram inferir quanto a distribuição geográfica, estratificação e dados gerais de produção e produtividade das lavouras cafeeiras, no Estado.

Aspectos gerais das tecnologias de condução, problemas nos cultivos, incidência de pragas e doenças dos cafezais foram levantados na pesquisa, devendo constituir objeto de análises posteriores, para servir de subsídios a pesquisas de outras áreas de interesse.

Nota-se a falta de tradição no Estado para a cultura do café, sendo alegado por muitos a “demora no retorno do capital investido”. Outro aspecto é a tradição agrícola como produtor de grãos e a pecuária de corte e leite, com retornos mais imediatos, além da adequação dos solos, que para a cafeicultura são mais exigentes em correção e complementações para as plantas. Há que se estudar melhor as questões relacionadas a custos e competitividade da cafeicultura nessas áreas.

Os maiores investimentos são de empresas de outros estados e/ou que se instalaram no Estado de Goiás em razão do baixo custo da terra e da mão-de-obra barata, como se pode comprovar nos municípios de Catalão, Cristalina, Campo Alegre de Goiás, Cabeceiras, São João D’Aliança, e Quirinópolis. Nessas regiões, todo o café que se produz é remetido para outros Estados, e o que é adquirido pelas torrefadoras vem de outros Estados.

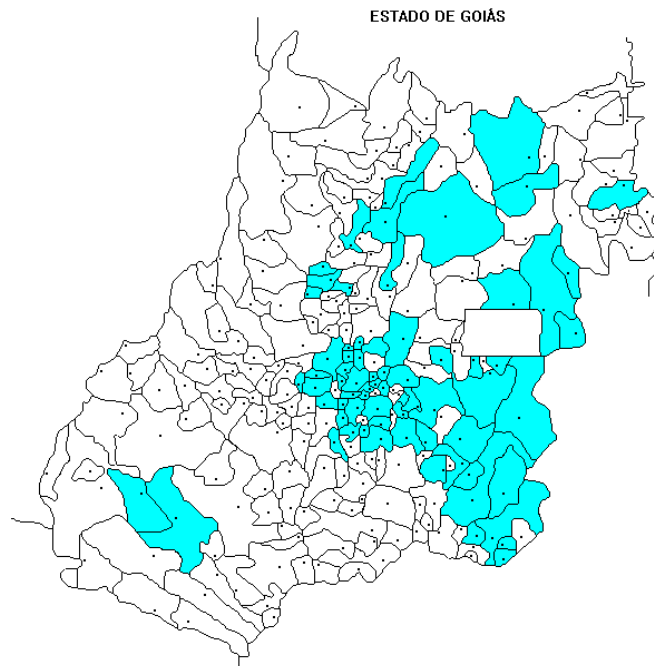
A análise dos volumes processados, da estrutura e da origem da matéria-prima, nas torrefadoras, permite constatar a falta de coordenação na cadeia, expressa pela “falta de comunicação” entre

cafeicultores e torrefadores. Estudos mais detalhados são necessários para que se possa inferir quanto às causas e implicações desse fato. Também questões de qualidade dos cafés produzidos em Goiás não têm constituído preocupação, tendo sido constatado número importante de torrefadoras que não possuem selo Abic em suas marcas. Há que se buscar oportunidades de estudos mais detalhados dessas questões.

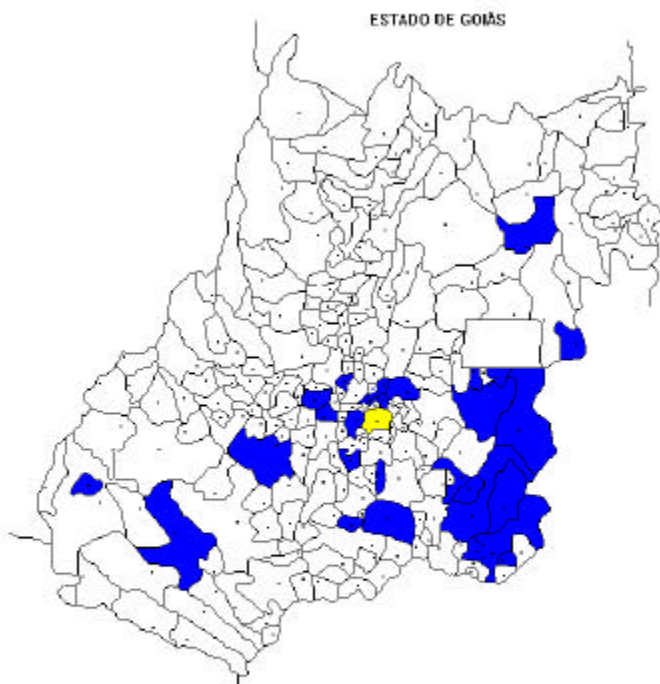
### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**MAA/EMBRAPA, 2000** – ESTIMATIVA DE SAFRAS CAFEIEIRAS, dezembro 2000

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE GOIÁS SEPLAN - GO, 2001**  
– Economia e Desenvolvimento, Conjuntura Socioeconômica de Goiás, Ano II, nº 7 abril-junho de 2001  
pp.12-13.

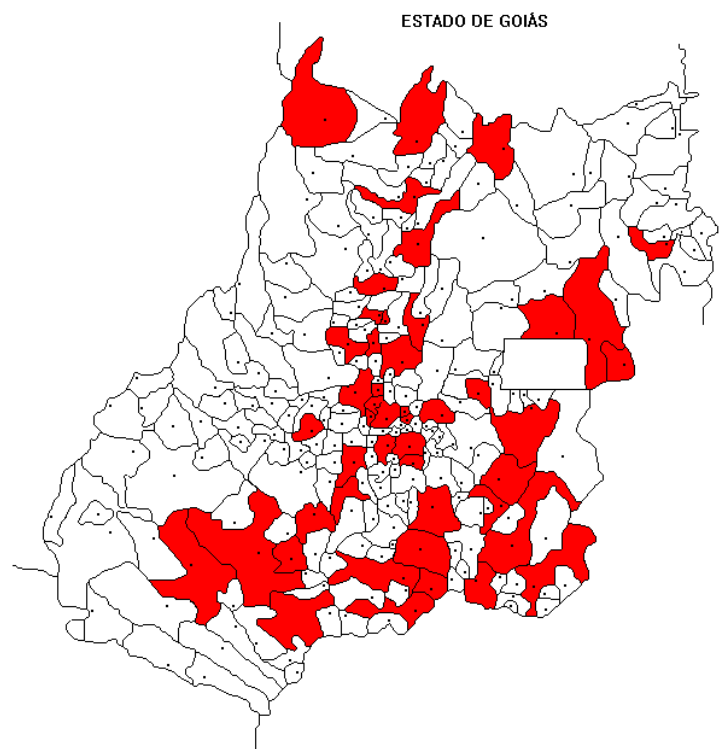


Municípios com produção de café de acordo com o IBGE - 2000



Municípios violados no projeto de pesquisa - 2007

Goiania



Municípios com torrefadas de café no Estado de Goiás - 2000